



DOUTRINAS BÍBLICAS

*Uma Perspectiva
Pentecostal*



Conhecendo as doutrinas
fundamentais da fé cristã

William W. Menzies
Stanley M. Horton

2

O Deus Único e Verdadeiro

Em 1913, reuniu-se uma grande multidão em Arroyo Seco, no Estado norte-americano da Califórnia, para ouvir a Sra. Maria Woodworth-Etter, durante a realização do Acampamento Mundial Pentecostal (William W. Menzies, *Anointed to Serve: The Story of the Assemblies of God*, Springfield, Mo.: Gospel Publishing House, 1971, pág. 111).

Numa noite, John Scheppe despertou a todos ao gritar o nome de Jesus. Esse imigrante alemão acabara de ter uma visão de Jesus, que o fez sentir que o Salvador deveria ser verdadeiramente honrado. Frank J. Ewart, ex-ministro batista, procurou logo tirar partido da situação, insinuando que a melhor maneira de o crente honrar a Cristo era ser rebatizado na água apenas no nome de Jesus (Menzies, *Anointed*, págs. 112 e 113). Tanto Scheppe quanto Ewart haviam sido influenciados por um sermão de R. E. McAlister sobre o batismo em água no nome de Jesus Cristo.

Não demorou muito, e os mais afoitos já estavam declarando que os que rejeitassem o rebatismo acabariam por perder a salvação. O incidente foi narrado por Myrle M. Fisher, em 1913. Embora tenha sido rebatizada, ela, através de seus próprios estudos das Escrituras, acabou por retornar

CAPÍTULO
2
O Deus Único e
Verdadeiro

à posição trinitária. A irmã Myrle M. Fisher casou-se pouco depois com Harry Horton, e tornou-se a mãe de Stanley M. Horton, o qual, por muitas vezes, ouviu-a referir-se ao lamentável ocorrido.

Os autores do incidente declararam ainda que só existe uma pessoa na deidade: Jesus, o qual sempre cumpriu os papéis e ofícios do Pai, do Filho e do Espírito Santo, conforme o tempo ou a ocasião o requeresse. Os promotores dessa heresia tornaram-se logo conhecidos como *Nome de Jesus, Jesus Somente* ou *Unidade*. Eles referiam-se à sua doutrina como “A Nova Questão”, mas na realidade não passava de uma antiga heresia reavivada: era defendida pelos sabelianos e monarquianos do terceiro século. Os cristãos da época condenaram-na energicamente.

Pouco depois de as Assembléias de Deus serem formadas, em 1914, houve ainda quem teimasse em propagar tal doutrina. Para combatê-la, a igreja, em 1916 (quanto à discussão dessa controvérsia ver Thomas F. Harrison, *Christology*, 2^a edição revisada, Springfield, Mo.: págs. 35-77), incluiu um artigo, em sua Declaração de Verdades Fundamentais, intitulado “A Adorável Deidade”. Essa declaração, hoje, traz a seguinte redação:

(a) Definição de Termos

Os termos “trindade” e “pessoas”, relacionados à deidade, apesar de não serem encontrados nas Escrituras, acham-se em plena harmonia com as mesmas Escrituras, mediante as quais podemos transmitir nossa compreensão imediata da doutrina de Cristo com referência ao Ser de Deus, distinguindo-o dos “muitos deuses e senhores”. Professamos, por conseguinte, ser Deus o Único Deus e Senhor, subsistindo Ele na Trindade. Deus, pois, é um Ser composto por três pessoas. E nem por assim professarmos deixamos de ser absolutamente bíblicos (Mt 28.19; Jo 14.16,17; 2 Co 13.13).

(b) Distinção e Relações Dentro da Deidade

Cristo ensinou como se processa as relações entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Mas tais distinções e relações

são, em si mesmas, *inexcrutáveis* e *incompreensíveis*, por serem *inexplicáveis* (Mt 11.25-27; 28.19; Lc 1.35; 1 Co 1.24; 2 Co 13.14; 1 Jo 1.3,4).

(c) Unidade do Ser do Pai, Filho e Espírito Santo

De acordo com esse pressuposto, há algo específico no Filho que o identifica de fato como Filho, diferenciando-o do Pai. E há, no Espírito Santo, algo que o identifica como o Espírito Santo, diferenciando-o do Pai e do Filho. Portanto, o Pai é o gerador, o Filho é o gerado, e o Espírito Santo é aquele que procede do Pai e do Filho. Visto estarem as três pessoas da Trindade em perfeita unidade, há então um só Senhor Deus Todo-poderoso, e seu nome é um só (Zc 14.9; Jo 1.18; 15.26; 17.11,21).

(d) Identidade e Cooperação na Deidade

O Pai, o Filho e o Espírito Santo não são *idênticos* como *pessoas*; e jamais foram *confundidos* quanto à *relação*. Não estão *divididos* no tocante à deidade, nem estão em *oposição* no que tange à *cooperação*. Concernente à relação, o Filho está no Pai e o Pai está no Filho. O Filho está *com* o Pai, e o Pai está *com* o Filho, quanto à comunhão. Quanto à autoridade, o Pai não *vem* do Filho, mas o Filho *vem* do Pai. O Espírito Santo, por sua vez, *vem tanto* do Pai quanto do Filho, no que tocante à natureza, à relação, à cooperação e à autoridade. Portanto, nenhuma pessoa da Trindade existe, ou trabalha, separada e independentemente das outras (Jo 5.17-30,32,37; 8.17,18).

(e) O Título, Senhor Jesus Cristo

O título “Senhor Jesus Cristo” é um nome próprio. Jamais é aplicado ao Pai ou ao Espírito Santo. Este nome pertence exclusivamente ao *Filho de Deus* (Rm 1.1-3,7; 2 Jo 3).

Quanto à sua natureza divina e eterna, o Senhor Jesus Cristo é o Unigênito do Pai, mas concernente à sua natureza humana, é Ele o próprio Filho do Homem. Portanto, Jesus é reconhecido tanto como Deus quanto como homem. E por ser Ele verdadeiro homem e verdadeiro Deus, apresenta-se

CAPÍTULO
2

O Deus Único e
Verdadeiro

CAPÍTULO
2

**O Deus Único e
Verdadeiro**

como “Emanuel” - “Deus conosco” (Mt 1.23; 1 Jo 4.2,10,14; Ap 1.13,17).

(g) O Título, Filho de Deus

Visto que o nome “Emanuel” abrange a Jesus Cristo tanto como Deus quanto como homem, numa única pessoa, segue-se que o título “Filho de Deus” descreve-lhe a deidade, enquanto que “Filho do Homem” ressalta-lhe a humanidade. Por isso, o título Filho de Deus pertence à *ordem da eternidade*, ao passo que Filho do homem acha-se ligado à *ordem do tempo* (Mt 1.21-23; Hb 1.1-13; 7.3; 1 Jo 3.8; 2 Jo 3).

(h) Transgressão Contra a Doutrina de Cristo

Constitui-se grave transgressão doutrinária afirmar que Jesus Cristo haja derivado o título “Filho de Deus” de sua encarnação, ou de sua relação com a economia da redenção da raça humana. Negar, pois, que o Pai seja real e eterno Pai, e que o Filho também o seja, significa anular a distinção e relação que existe na divindade. É uma negação tanto do Pai quanto do Filho; é negar que Jesus Cristo tenha vindo em carne (Jo 1.1,2,14,18,29,49; Hb 12.2; 1 Jo 2.22,23; 4.1-5; 2 Jo 9).

(i) Exaltação de Jesus Cristo como Senhor

Nosso Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, tendo, por si mesmo, nos expurgado de nossos pecados, sentou-se à mão direita da Majestade, nas alturas. Tendo em vista sua exaltação, os anjos, principados e poderes se lhe sujeitaram. E, feito tanto Senhor como Cristo, enviou-nos Ele o Espírito Santo para que, no nome de Jesus, ajoelhemo-nos e confessemos que Cristo Jesus é o Senhor. Mas, quando da consumação de todas as coisas, o próprio Filho sujeitar-se-á ao Pai para que Deus seja tudo em todos (At 2.32-36; Rm 14.11; 1 Co 15.24-28; Hb 1.3; 1 Pe 3.22).

(j) Honra Igual ao Pai e ao Filho

Visto ter o Pai entregue todo o julgamento ao Filho, não é somente *dever expresso de todos, quer no céu, quer na terra, dobrarem os joelhos, mas, acima de tudo, alegria*

indizível, no Espírito Santo, atribuir ao Filho todos os atributos da divindade, e dar-lhe toda a honra e toda a glória contidas em todos os títulos e nomes da divindade, exceto os que servem para individuar as outras pessoas da Trindade (ver os parágrafos b, c e d). Assim agindo, haveremos de honrar tanto ao Pai quanto ao Filho (Jo 5.22,23; Fp 2.8,9; 1 Pe 1.8; Ap 4.8-11; 5.6-14; 7.9,10).

CAPÍTULO

2

O Deus Único e Verdadeiro

A EXISTÊNCIA DE DEUS

A Bíblia não se preocupa em provar a existência de Deus. O livro de Gênesis começa reconhecendo que Ele é: “No princípio Deus...” E Hebreus 11.6 afirma enfaticamente: “... é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe...” As Escrituras deixam bem claro que acreditar na existência de Deus constitui a base da experiência humana. Dizer que não existe um Ser Supremo – ou viver como se Ele não existisse – equivale a negar o que todos sabem de maneira intuitiva (Jo 1.9; Rm 1.19). A existência de Deus é algo tão fundamental ao pensamento humano que abandonar tal conceito significa embarcar no encapelado mar da irracionalidade, onde nada tem significado ou propósito.

Embora a Bíblia não apresente argumentos em favor da existência de Deus, há não poucas implicações que apoiam plenamente tais argumentos. Argumentos clássicos vem sendo apresentados desde a era medieval. Apesar de limitados em si mesmos, provêm eles, em seu conjunto, o apoio intelectual suficiente para corroborar a verdade da Bíblia. O primeiro desses argumentos é o ontológico. Defende este que um Ser Perfeito implica numa existência real. A idéia de um Ser Perfeito que não se manifeste genuinamente na realidade, pressupõe que este Ser não seja totalmente perfeito. Por conseguinte, para se conceber um Ser Perfeito, é necessário se acreditar que este Ser Perfeito realmente exista (para uma discussão sobre o valor do argumento ontológico, ver James Oliver Buswell, *A Systematic Theology of the Christian*

CAPÍTULO
2
O Deus Único e
Verdadeiro

Religion, vol. 1, Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1962, págs. 98-100).

O segundo argumento clássico é o cosmológico. Segue-se de maneira coerente ao ontológico. O universo, como todos o admitimos, não existe por si mesmo. Todos os eventos que presenciamos dependem de alguma causa além deles mesmos. Se você buscar a origem dessas causas primeiras, eventualmente chegará à Primeira Causa: um Ser auto-existente que não depende de qualquer outra coisa, além de si, para existir.

O terceiro argumento clássico em prol da existência de Deus é o teleológico, ou argumento do desígnio. O mundo maravilhoso descoberto pela inquirição científica desvenda uma notável e espantosa ordem em toda a natureza. As improbabilidades matemáticas de todas estas maravilhas terem ocorrido por mero acaso, leva-nos a enaltecer aquEle que é o autor de quanto vemos e admiramos. Com o salmista, juntemos nossas vozes: “Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos” (Sl 19.1; quanto a uma discussão acerca do Salmo 19 e outras passagens referentes à revelação geral por meio da natureza, ver Millard J. Erickson, editor, *Christian Theology*, Grand Rapids: Baker Book House, 1986, págs. 166-171).

O quarto argumento clássico é o moral. Ele apresenta-se como o senso inato do que é certo e do que é errado. Que ser humano não o possui? A realidade de um grande Legislador é a evidência mais que lógica da vida moral de nossa consciência. Embora os padrões de moralidade variem largamente de cultura para cultura, a consciência dos valores morais permanece intacta.

Similar ao anterior é o quinto argumento. Acha-se ele alicerçado sobre a estética ou beleza. Que todas as pessoas possuam um conceito de valores relativos acerca da beleza (por mais largamente que variem seus padrões), é algo que aponta na direção de alguém que, em si mesmo, é o doador da beleza. Seu amor não conhece limites.

A NATUREZA DE DEUS

Romanos 1.19,20 indica que a existência de Deus é algo que pode ser apreendido por todos através da revelação geral. Entretanto, para conhecermos a natureza divina, será mister voltarmo-nos à revelação especial que o próprio Deus nos proporciona. Em sua Palavra, Ele revela-se de variadas maneiras. Uma das maneiras mais empolgantes de o conhecermos é através de seus diversos nomes.

'El (no hebraico, “Deus”), que se encontra no singular, ocorre cerca de 250 vezes na Bíblia, e enfatiza a idéia de força (ver Gênesis 14.18-22). Uma outra forma singular, *'Eloah*, ocorre apenas no livro de Jó, 42 vezes. Mas sua forma plural, *'Elohim*, pode ser encontrada mais de 2.000 vezes no Antigo Testamento. Usualmente acha-se vinculada ao poder criativo de Deus, e ao cuidado que Ele dispensa ao Universo e à humanidade. Além disso, implica na pluralidade existente no Supremo Ser (ver Gn 1.26; 3.22).

Yahweh é outra palavra hebraica. Em muitas versões da Bíblia, foi traduzida por “Senhor” (as consoantes do nome pessoal de Deus: YHWH, foram transliteradas para o latim novo como JHWH, e, combinando-as com os sinais vocálicos do substantivo hebraico “Senhor”, deu origem a uma forma não-bíblica: “Jeová”). Trata-se de um nome que manifesta a observância do pacto (Ml 2.5; 3.6). Esse nome ocorre cerca de 7.000 vezes no Antigo Testamento. Eis o seu significado: “Ele continuará [ativamente] a ser”. Subentende que Deus mostrara que tipo de Deus é Ele realmente. Ele o fará através de seus atos que se acham ligados à promessa que diz: “... Eu serei contigo” (Êx 3.12).

Nomes especiais, compostos com *'El* e *Yahweh*, enfatizam a natureza de Deus e seu relacionamento com os vários pactos estabelecidos com o seu povo. Entre estes nomes, podemos citar: *'El Shaddai*, “Deus Todo-poderoso” (Gn 17.1, derivado de uma raiz, *shadu*, que significa “montanha”); *'El Elyon*, “Deus Altíssimo” (Gn 14.18); *'El Ro'i*, “o

CAPÍTULO
2

**O Deus Único e
Verdadeiro**

Deus que me vê” (Gn 16.13); ‘*El ‘Olam*, “o Deus eterno” (Gn 21.33); ‘*El ‘Elohe Yisra’el*, “Deus, o Deus de Israel” (realça a relação especial de Deus com Israel, Gn 33.20); *Yahwehw-ropheka*, “o Senhor, teu Médico [pessoal]” (Ex 15.26); *Yahweh-nissi*, “o Senhor minha Bandeira” (Ex 17.15); “*ahweh-shalom*, “o Senhor é Paz” (Jz 6.24); *Yahweh-ro’i*, “o Senhor é meu Pastor” (Sl 23.1). Aquele que perdoa é denotado por *Yahweh-tsidkenu*, “o Senhor, Justiça Nossa” (Jr 23.6). O nome da Nova Jerusalém será *Yahweh-shammah*, “o Senhor está ali” (Ez 48.35). E o nome celestial de Deus é *Yahweh-sabaoth*, “o Senhor dos exércitos [incluindo as hostes angelicais]” (Sl 148.2; cf. Mt 26.53).

Existem, ainda, outros termos importantes que descrevem a natureza de Deus: ‘*Adonai* (hebraico), *Kurios* (grego), “Senhor”; ‘*Atiq Yomin* (aramaico), “o Ancião de Dias”, um título que se acha em conexão com os juízos divinos na administração dos reinos deste mundo (Dn 7.9,13,22); *Qedosh Yisra’el* (hebraico), “o Santo de Israel” (usado vinte e nove vezes por Isaías); *Tsur* (hebraico), “Rocha”; ‘*Ab* (hebraico; ‘*Abba*, aramaico; *Ho Pater*, grego), “Pai” ou “ó Pai” (uma forma de tratamento que demonstrava grande respeito nos tempos bíblicos); *Melek* (hebraico), “Rei” (Isaías 6.1,5); *Go’el* (hebraico), “Redentor”; *Despotes* (grego), “senhor”, “proprietário”; e, finalmente, *Rishon wa-’acharon* (hebraico; no grego é *Ho Protos kai Ho Esxatos*), “o Primeiro e o Último” (fala de seu governo sobre o curso da história, Is 44.6; 48.12; Ap 2.8).

Passando dos nomes e títulos de Deus usados nas Escrituras, e que falam de sua natureza, examinemos, de forma abreviada, alguns conceitos importantes acerca da natureza divina. Deus é, antes de tudo, infinito, nada o pode limitar. É maior do que o Universo; foi Ele quem o criou. Este é um quadro demasiado grande para que as nossas mentes finitas o apreendam, mas é uma descrição imprescindível à nossa compreensão de Deus (1 Rs 8.27). Intimamente relaciona-

da a essa idéia acha-se o conceito da unidade divina – só existe um Deus (Dt 6.5; Is 44.6,8).

Deus é, ao mesmo tempo, transcendental (acima, além e maior do que o Universo que Ele criou) e imanente (presente e ativo nesse mesmo Universo). Somente o ensino cristão sobre Deus une adequadamente ambos os conceitos. A transcendência preserva a distinção entre Deus e o Universo. Ignorar tal distinção leva-nos a cair no panteísmo, onde Deus e o Universo são irremediavelmente confundidos. A doutrina panteísta ensina que o Universo, com suas forças e leis, é tudo quanto existe; e, ato contínuo, chama o Universo de Deus, eliminando, assim, a possibilidade de um Deus pessoal.

A idéia da imanência divina, por sua vez, reconhece ser a presença de Deus, no Universo que Ele criou, sumamente necessária para preservar sua amorável relação com os seres que Ele também criou (Êx 8.22; At 17.24,25,27,28). Eis o que afirmou Paulo a este respeito: "...ainda que não está longe de cada um de nós" (At 17.27). Os que não reconhecem a presença divina, acabam por cair no deísmo, que, embora admita a existência de Deus, considera-o meramente como uma grande Primeira Causa. É uma noção parecida com a do "fabricante de relógios" desinteressado: depois de haver criado o Universo, foi-se embora, e deixou o aparelho a funcionar por conta própria.

Deus também é imutável (não sujeitável a mudanças) e eterno. A natureza divina não muda, jamais mudará (Ml 3.6). No Antigo Testamento, há duas palavras hebraicas, mui relevantes, para descrever a Deus: *chesed* (amor fiel, permanente, cumpridor do pacto) e *'emeth* (dependência, permanência, continuação, fidelidade, verdade). Deus é o *'Elohe 'emeth*, "o verdadeiro Deus" (2 Cr 15.3). Ele será sempre fiel a si mesmo. Esses termos, que ocorrem repetidas vezes no Salmo 89, demonstram vividamente que podemos depender inteiramente de Deus.

CAPÍTULO 2

O Deus Único e Verdadeiro

CAPÍTULO
2**O Deus Único e
Verdadeiro****OS ATRIBUTOS DE DEUS**

Além dos atributos que descrevem a natureza interior de Deus, há também os atributos que lhe realçam os relacionamentos especiais com a criação. Tais atributos são chamados comunicáveis, porquanto podem ser encontrados (ainda que em menor grau) na natureza humana. Eles são divididos em duas categorias: naturais e morais.

Entre os atributos naturais de Deus, encontra-se a onipotência (a qualidade que o faz Todo-poderoso). Isto significa que Deus pode fazer tudo quanto estiver em conformidade com a sua natureza santa e justa. Sua soberania sobre o Universo é incontestável. Isaías 40.15 descreve-lhe a majestade: “Eis que as nações são consideradas por ele como a gota de um balde e como o pó miúdo das balanças; eis que lança por aí as ilhas como a uma coisa pequeníssima”. Toda-via, alguém poderia perguntar: “Mas se Deus é soberano, porque há pecado no mundo?” A resposta jaz no fato de que Deus é soberano sobre si mesmo, e tem o poder de limitar-se. Uma das maiores evidências desta sua qualidade é vista na vinda de Jesus como um bebê deitado na manjedoura, e em sua vida, ministério e morte sobre a cruz (Fp 2.6-8).

Em sua liberdade e onipotência, Deus optou por criar seres (pessoas e anjos) com a integridade da escolha moral. Ele não invade a liberdade de nosso arbítrio. Finalmente, devemos reconhecer que Deus, embora nos conceda semelhante liberdade, continua Senhor da História. Ele controla o destino das nações e de todo o Universo. O Apocalipse, juntamente com importantes passagens de Daniel (4.34,35; 5.20,21; 7.26,27; 8.19-25) e de Ezequiel (37.24-28; 38.3; 39.1), desvenda claramente o controle que Deus exerce sobre o futuro de tudo quanto criou. Mas, nesse ínterim, Ele tem, por razões que só mesmo Ele conhece, concedido livre arbítrio às suas criaturas morais.

Deus é onipresente, ou seja, está presente em todos os lugares ao mesmo tempo (Sl 139.7-10). Ele não se acha limitado pelo espaço, mas está presente em todos os lugares.

CAPÍTULO
2**O Deus Único e
Verdadeiro**

E a todos quantos criou, de maneira maravilhosa e múltipla, dispensa amor e cuidado. Nem mesmo os pardais caem por terra sem que Ele o saiba (Mt 6.25-29). Embora esteja Ele presente em todos os lugares, devemos nos lembrar de que Ele somente habita com aqueles que se humilham, e o admitem no santuário de seus corações (Is 57.15; Ap 3.20).

Deus é onisciente. Ele é dotado de conhecimento e discernimento infinitos, universais e completos. Vê a realidade por uma perspectiva diferente da nossa. Vemos as coisas através de uma corrente de consciência. Para nós, seres mortais e limitados, a vida é um fluxo ao longo da linha do tempo. Olhamos à frente, ao futuro, e logo tudo se faz passado. Para Deus, entretanto, toda a realidade lhe é presente. Todos os acontecimentos, quer passados, quer presentes ou futuros, lhe estão mais que patentes (Rm 8.27,28; 1 Co 3.20).

Há os que perguntam, por exemplo, como pode Deus saber quem há de se perder, e mesmo assim, permitir que os tais se percam. O conhecimento prévio de Deus, porém, não predetermina as escolhas individuais, porquanto Ele respeita nosso arbítrio. Em Efésios 1.3-14, temos o esboço da história predeterminada do mundo. Mas esse vislumbre da predestinação do Universo não elimina as “ilhas da liberdade” que Deus nos reservou, pois Ele nos fez indivíduos e livres. Ele permite que as pessoas escolham o próprio destino: Céu ou inferno.

Entre os atributos comunicáveis de Deus, há também os morais. A bondade é um deles. Deus é realmente bom. Ele se dispõe a zelar continuamente pelo bem-estar de sua criação. Não se inclina por armar-lhe ciladas. O mal é um inimigo tanto da criação quanto de Deus. A Bíblia encontra-se repleta de descrições sobre a bondade divina. Seus servos atribuem-lhe amor (1 Jo 4.8), benignidade e fidelidade (Sl 89.49), graça (At 20.24) e misericórdia (Ef 2.4). O maior ato do amor de Deus foi mostrado no clímax do plano de redenção na cruz do Calvário.

CAPÍTULO
2
O Deus Único e
Verdadeiro

Ninguém tem um amor maior que este!

Deus é santo. Este é o cerne da mensagem bíblica sobre o caráter de Deus. “Santo”, na Bíblia, significa basicamente “separado”, “dedicado”. Há dois importantes aspectos na santidade de Deus. (1) Ele está separado, e acha-se acima de tudo quanto é transitório, permanente, finito, imperfeito, mau, pecaminoso e errado. (2) Ele também encontra-se separado para dedicar-se inteiramente ao cumprimento do grande plano da redenção, do Reino vindouro e do estabelecimento da nova terra e do novo céu. Tal conceito é totalmente necessário à devida adoração do Supremo Ser.

Deus evoca admiração porque Ele é santo (Is 6.1-5).

Deus é também justo. Ele sempre agirá com justiça (Dt 32.4; Dn 4.37; Ap 15.3). Mais do que isso. Deus é essencialmente justo (Sl 71.19). É de sua natureza ser justo. Ele jamais será incoerente com a sua natureza (Is 51.4-6). Sem essa característica, a ordem moral do Universo não teria qualquer base. Deus é a concretização da verdade em toda a sua pureza e transparência. Eis porque a justiça e a verdade apresentam-se juntas sempre que Deus se ira contra o pecado (Ap 16.1-5). Todavia, Deus anela por redimir o ser humano (2 Pe 3.9). Isto é amor! Foi na cruz de Cristo que a ira e o amor de Deus conjuntamente fluíram para resgatar a pobre humanidade (Rm 3.22-25).

A TRINDADE

Um grande mistério está à nossa espreita: há somente um Deus, e uma só Trindade (ou “triunidade”). Para desvendar tal mistério, não dispomos de analogias ou comparações adequadas. Mas a realidade da Palavra de Deus aí está: o Supremo Ser subsiste numa unidade de três pessoas igualmente divinas e distintas.

O Dr. Nathan Wood, ex-presidente do Gordon College e da Gordon Divinity School, acreditava ver a marca da Trindade sobre a natureza. Sugeriu, inclusive, que o espaço tridimensional nos mostra a Trindade. Se as dimensões de